



O USO DOS VOCATIVOS BICHA E VIADO POR HOMENS GAYS SERTANEJOS: rede social e identidade

Jamilys Maiara da S. Nogueira¹

Resumo

Este trabalho objetivou observar o uso de vocativos a partir de dados de fala de uma comunidade marginalizada, a LGBTQIAPN+. Para isso, investigamos a fala de nove homens cis homossexuais, do sertão pernambucano, em três diferentes contextos de interação, sendo elas: entrevista sociolinguística, conversa entre amigos e ambiente de trabalho. Observamos especificamente os vocativos **bicha** e **viado** que foram, e ainda são, usados como adjetivos pejorativos quando usados por pessoas de fora da comunidade LGBTQIAPN+, mas quando usados por essa comunidade, constituem uma forma de tratamento e até acolhimento. Esses termos passaram por um processo de ressignificação dentro do arcabouço linguístico e sociocultural dessa comunidade, uma vez que foram reinvidicados e, assim, inverteram o desconforto causado em uma estratégia de resistência e existência. Esta pesquisa utiliza como suporte teórico e metodológico a Teoria da Variação Linguística (LABOV, 2001), valendo-se da Terceira Onda dos Estudos Sociolinguísticos (ECKERT, 2000). Com isso, a pesquisa revelou que: i) os informantes apresentam variação estilística quando há mudança no contexto de interação; ii) o contexto de interação com amigos favorece a produtividade dos vocativos e a rede social dos informantes interfere nos seus usos; iii) os vocativos **bicha** e **viado** expressam uma marca de identidade e/ou filiação a um grupo específico, confirmando nossa hipótese; por fim, observamos que, iv), a identidade individual ou a identidade grupal realizada através do uso dos usos linguísticos são construídas nas práticas sociais como forma de resistência e manutenção de uma identidade social.

Palavras-chave:

Vocativo; identidade; comunidade de prática.

Sobre os autores:

¹ Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós graduação da Universidade Federal de Pernambuco. **E-mail:** jamilys.nogueira@gmail.com. | **Orcid:** 0000-0002-1482-3476.

INTRODUÇÃO

A linguagem desempenha um papel central na sociedade, refletindo e moldando as interações humanas, as relações de poder e as identidades individuais e coletivas. Nesse contexto, as palavras têm o poder de expressar emoções, estereótipos, preconceitos e afiliações sociais.

Tratando-se de comunicação, recorreremos à classe dos vocativos sempre que precisamos nos dirigir a alguém, o que os torna essenciais para o funcionamento da interação entre as pessoas. Portanto, não há discordância sobre a importância dessa classe, visto que necessitamos fazer o uso deles cotidianamente para chamar, cumprimentar, ordenar, pedir etc. Sendo eles são o principal o recurso pelo qual direcionamos nossa fala a outrem.

Sob a ótica da tradição gramatical, Napoleão Mendes de Almeida (2000, p. 16), um dos renomados gramáticos prescritivos, em uma curta seção dedicada ao fenômeno vocativo, descreve-o como: “o segundo elemento que nós podemos encontrar numa oração”, possuindo basicamente duas funções: apelo e chamado, e podendo aparecer em diferentes posições na oração: a) no começo (cf. (1a)), b) no meio (cf. (1b)) e c) no fim (cf. (1c)):

(1)

- a. **Meninos**, estudem a lição.
- b. Estudem, **meninos**, a lição.
- c. Estudem a lição, **meninos**

(Almeida, 2000, p. 16)

Cegalla (1998), em sua *Novíssima Gramática da língua portuguesa*, descreve dois aspectos referentes ao vocativo: definição e natureza sintática. Segundo ele, “o vocativo vem do latim *vocare* = chamar, sendo um termo (nome, título, apelido) usado para chamar ou interpelar a pessoa, o animal ou a coisa personificada a que nos dirigimos” (CEGALLA, 1998, p. 334). Observe os seguintes exemplos:

(2)

- a. “**Elesbão? Ó Elesbão!** Venha ajudar-nos, por favor!” (Maria de Lourdes Teixeira)
 - b. “A ordem, **meus amigos**, é a base do governo”. (Machado de Assis)
 - c. “Correi, correi, **ó lágrimas saudosas!**” (Fagundes Varela)
 - d. “Vocês por aqui, **meninos?!!**” (Afonso Arinos)
 - e. “**Meu nobre perdigueiro**, vem comigo!” (Castro Alves)
- (Cegalla, 1998, p. 334)

Ademais, observa que “o vocativo se refere sempre à 2ª pessoa do discurso, que pode ser uma pessoa, um animal, uma coisa real ou entidade abstrata personificada (...) podendo antepor-lhe uma interjeição de apelo (ó, olá, eh!)” (CEGALLA, 1998, p. 334). Em nota, o gramático afirma que o vocativo se profere com entonação exclamativa e na escrita deve ser separado por vírgula(s), sendo considerado uma unidade à parte da oração.

De acordo com Bechara (2009, p. 559), o vocativo cumpre a função apelativa de 2ª pessoa, pois “, por seu intermédio, chamamos ou pomos em evidência a pessoa ou a coisa a que queremos nos dirigir”.

Bechara (2009) desenvolve a temática voltada aos vocativos de maneira mais detalhada do que os demais gramáticos (NAPOLEÃO, 2000; CUNHA, 1976; CEGALLA, 1998; BECHARA, 2009; AZEREDO, 2010; PERINI, 2005). Para o autor, por um lado, “pelo desligamento da estrutura argumental da oração, [o vocativo] constitui por si só, a rigor, uma frase exclamativa à parte ou um fragmento de oração, à semelhança das interjeições”, podendo “ser representado por um substantivo ou um pronome, podendo admitir a presença de expansões (p. ex., adjuntos adnominais, de orações adjetivas)” (BECHARA, 2009, p.559). Por outro lado, afirma que, em algumas frases, o vocativo não parece ser algo à parte da estrutura sintática, uma vez que parece haver uma relação entre o vocativo e outros constituintes da estrutura. Por exemplo, na oração em (3a), dada a posição do vocativo, poderia ser entendido como parte do termo anterior, aproximando-se de um aposto explicativo:

(3)

a. Tu, **meu irmão**, precisas estudar!

(BECHARA, 2009, p. 559)

Pesquisas linguísticas, como a de Mundim e Balsalobre (2015) trazem uma noção mais abrangente sobre a importância dos vocativos. Mundim (1981, p. 7 *apud* MOREIRA, 2008, p. 20), “sugere que há uma estreita correlação do vocativo com a forma de tratamento utilizada no discurso: a presença do vocativo parece sugerir uma determinada forma de tratamento”. De acordo com essa autora, a opção que fazemos por determinada expressão vocativa depende diretamente da intenção que temos ao nos dirigir a uma segunda pessoa. Dessa forma, tal processo, por vezes, seria inconsciente, como acontece nas interações comuns do dia a dia, como pedir informação e perguntar as horas, por exemplo. “Entretanto, em situações mais específicas, a escolha do vocativo é decorrente de um processo de opção, consciente e elaborado e depende de um possível interesse pessoal” (MOREIRA, 2008, p. 20).

Em sua análise, Mundim (1981) observa que o processo consciente de opção foi mais evidente quando o falante utilizava um vocativo não profissional, como cara, bicho, malandro, meu chapa etc. Em oposição, ao empregar um vocativo profissional, como doutor, senhor, moço, o falante estaria protegido por uma espécie de escudo, uma vez que esse termo não apresenta alto grau de envolvimento pessoal. Nesse caso, o falante estaria apenas utilizando-se de uma categoria profissional para referenciar.

Para Mundim (1981 *apud* MOREIRA, 2008, p. 21), “os vocativos transmitem nuances diferentes de formalidade e, por esse motivo, têm um elo semântico que os mantêm de certa forma dependentes das formas de tratamento, uma vez que os tratamentos também apresentam diferentes graus de formalidade”. Com base nessa observação, é importante mencionarmos que controlamos o uso de vocativos em contexto mais ou menos formal, levando em consideração não somente a posição sintática do vocativo, mas também a escolha lexical em diferentes contextos de nossos informantes.

A autora lança a hipótese de que os vocativos que demandam maior formalidade estabeleceriam uma relação com a forma de tratamento ‘senhor’, que também carrega um certo nível de formalidade. Enquanto que, os vocativos mais informais ocorreriam acompanhados de tu ou você.

Para validar a hipótese de que existiria uma correlação semântica entre o vocativo e o tratamento, Mundim (1981) traz resultados de dois testes escritos aplicados aos falantes do Rio de Janeiro. Os dados apresentaram uma tendência de tratamento específica, na época, em relação às classes ocupacionais dos testes. Constatou-se, então, que, para os motoristas de táxi e vendedores, houve maior frequência da ocorrência de ‘você’, enquanto que autoridades e profissionais com status socioeconômico maior o tratamento de maior probabilidade foi ‘senhor’.

Balsalobre (2015), em seu estudo sobre o vocativo moço(a) no português brasileiro, moçambicano e angolano, ressalta o caráter de marca de ‘endereço’ das formas de tratamento, usados para quando alguém quer se dirigir ou se referir a outra pessoa. De acordo com ela, esse sistema pode ser subdividido em dois macro níveis, conforme aponta Silva (2011, p.304), de um lado teríamos as formas pronominalizadas: que dizem respeito às palavras ou expressões que equivalem aos pronomes de tratamento (você, o senhor, a senhora etc.); e por outro, teríamos formas nominais: constituídas por nomes próprios, termos de parentesco, nomes indicativos de funções profissionais etc. Exemplos: professor, doutor, irmão, amiga etc. Referente ao segundo macro nível, “é preciso referenciar que as formas de tratamento nominais podem exercer a função sintática de vocativos, nas ocasiões em que são empregadas pelos falantes para inserirem explicitamente seu interlocutor na cena enunciativa” (Balsalobre, 2015, p. 218 [grifo nosso]).

Para tanto, os falantes possuem uma gama de vocativos disponíveis na língua com diferentes representações semânticas. Para Balsalobre (2015), dispomos, por um lado, de vocativos menos tensos e mais solidários, como cara, amigo(a), *brother* e, por outro, temos os vocativos mais densos, centrados na estrutura social do poder ou hierarquia, como senhor, senhora, excelência, que geralmente são usados como um indicativo de cerimônia, deferência, respeito, em situações que exigem formalidade. Nesse sentido, “os termos de endereço abrangem as diversas possibilidades disponíveis na língua para que um falante se dirija ou se refira a alguém, esse fenômeno linguístico é constituído em seu âmbito por um código social” (BALSALOBRE, 2015, p. 218). Esse ponto se configura como o pressuposto fundamental do nosso estudo, em que, através da observação dos vocativos, analisa-

se, em segundo plano, a relação entre linguagem e sociedade, fazendo o recorte de uma comunidade de prática específica.

É importante a ressalva de que, hipoteticamente, todas as línguas possuem formas de endereçamento e, por vezes, algumas apresentam formas específicas de seu grupo, como veremos mais adiante. Trata-se, portanto, de uma característica social, que nos permite observar em alguns aspectos o funcionamento de determinada comunidade por meio das suas formas de endereçamentos/vocativos, dado o fato de que investigações desse tipo podem demonstrar como são estabelecidas as relações sociais nesse meio, conforme aponta CausseCathcart (2011 *apud* BALSALOBRE, 2015).

Assim, podemos pensar que as escolhas linguísticas de determinada comunidade seriam, então, um acordo consciente entre os membros com objetivos diferentes entre uma comunidade e outra, como parte da elaboração de seus princípios organizacionais. Reforçando, acima de tudo, o caráter complexo e heterogêneo da língua, em que a variação é reforçada tanto por fatores de ordem social quanto de ordem individual e particular de cada comunidade.

Feito este breve panorama sobre estudos a respeito do vocativo, apresentaremos o quadro teórico da pesquisa. Para então, abordarmos questões relacionadas à metodologia da pesquisa, e então, adentrarmos na descrição e no uso dos vocativos encontrados. Destacamos ainda que, os estudos que tratam desse fenômeno são escassos, ainda mais os que pretendem ir além de questões sintáticas, que, geralmente, abordam a questão do vocativo ser ou não um elemento à parte da sentença.

Nosso objetivo é descrever, de forma qualitativa, o uso de vocativos utilizados por homens homossexuais da cidade de Serra Talhada, sertão de Pernambuco. Nossa hipótese é de que os vocativos **bicha** e **viado** funcionam como indexadores da comunidade, bem como marcadores identitários individual.

Para o desenvolvimento deste estudo, o artigo encontra-se assim estruturado: na seção 2, abordaremos o quadro teórico que dá suporte a análise; na seção 3, apresentam-se os procedimentos metodológicos adotados; na seção 4, realiza-se a descrição dos vocativos utilizados pelo grupo investigado, enfocando os vocativos que representam uma identidade individual e grupal e, na seção 5, são apresentadas as considerações finais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Desde os estudos de Labov (2008 [1972]), a Sociolinguística apresenta a comunidade científica grandes esforços, sobretudo metodológicos, para apreender e compreender os diferentes significados sociais presentes nos usos linguísticos dentro de diferentes comunidades “e [, dessa forma, fizeram da Linguística] uma arena produtiva de pesquisas que, por meio de vários paradigmas, ajudaram a repensar as teorias sobre o lugar da linguagem no estabelecimento das representações e

identidades sociais” (MELO, 2010, p. 153). Um exemplo disso é a atualização, por assim dizer, da própria Sociolinguística através dos estudos de Penelope Eckert (2000), denominados de Terceira Onda dos Estudos Sociolinguísticos, que identificaram entre os usos linguísticos e a prática social uma relação dialética e biunívoca.

Um dos fatores de relevância para a área da Sociolinguística é depreender como o falante se sente em relação aos seus usos linguísticos e aos usos dos outros, o estudo de Eckert (2000) em *Belt High* é um exemplo, uma vez que há uma tendência do sujeito se categorizar socialmente. Em determinada dimensão, determinados usos linguísticos lidos como específicos de certas comunidades indica quem é o sujeito que fala e/ou de onde é, isto é, revelam características identitárias.

Na oportunidade, Eckert (2000) observou como os alunos constroem significados mediante suas práticas dentro da escola e como os demais grupos reagem a eles. Como se reconheciam e como são reconhecidos pelos demais membros da escola. Dessa forma, foi constatado que as pessoas agem e dão significados ao seu meio a partir dos próprios significados que encontram nele, em um processo de apropriação de significados ou resignificação desses e o produto é a linguagem que sofre influência das práticas, assim, não existe linguagem separada de uma prática ou isenta dela. Esse estudo foi o pontapé inicial para o reconhecimento dessa nova perspectiva dentro da sociolinguística. Essa nova abordagem combina a sociolinguística de base laboviana com os estudos etnográficos e soma com a investigação dentro das comunidades de prática. O seu foco está na investigação de microcomunidades, pois acredita-se que nelas está o lócus da variação. Portanto, esses estudos trazem para os pesquisadores da área novas possibilidades de investigação, já que sua natureza é de caráter mais dinâmico, e se estende para além das categorias sócio-demográficas para explicar a variação e a mudança linguística. Tais estudos focalizam os indivíduos e sua construção de persona ou de identidade, de maneira a observá-los em atividade nas práticas com grupos com os quais se envolvem, estreitando, deste modo, os laços entre a língua e a prática social.

Na busca pela compreensão de como identidades diversas se constroem na e pela linguagem a partir das ações que o falante faz com a língua, este trabalho se insere no campo da terceira onda. Interessa-nos, portanto, compreender os significados sociais por trás dos vocativos usados pela comunidade de prática LGBTQIAPN+.

O foco da terceira onda recai na mudança da abordagem da comunidade de fala para a comunidade de prática. Para essa perspectiva, a noção de comunidade de prática é fulcral. No texto Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder, essa comunidade é definida como

Um agregado de pessoas que se juntam em torno de um empreendimento mútuo. Modos de fazer as mesmas coisas, modos de falar, crenças, valores, relações de poder – em resumo, práticas – que emergem no curso de um esforço mútuo. Como um construto social, a comunidade de prática é da comunidade tradicional, basicamente porque é definida simultaneamente pelos seus membros e pela prática na qual seus membros se engajam (ECKERT; MCCONNEL-GUINET, 1992, p. 8).

As autoras compreendem a comunidade de prática, portanto, como uma unidade de análise social que permite explicar a composição da linguagem e outras questões a ela relacionadas, como questões relacionadas à identidade, o gênero e as relações de poder. Elas acreditam que, para se caracterizar como uma comunidade de prática, é necessário haver uma participação mútua dos indivíduos em uma ampla gama de atividades que irão criar, sustentar, desafiar e, por muitas vezes, mudar a sociedade e suas instituições, e conseqüentemente, a linguagem. “Os locais de tal engajamento mútuo são as comunidades” (ECKERT, MCCONNEL-GUINET, 1992, p.101).

A comunidade de prática é definida internamente através de acordo social (invisível) entre os membros, formada por interação, atividades e relacionamentos, em que, “simultaneamente, as relações sociais se formam em torno das atividades e as atividades em torno dos relacionamentos” (ECKERT, 2000, p. 35). Ainda que os acordos não sejam verbalizados, há fatores internos que estruturam a comunidade. Ao que parece, ela se estrutura cognitivamente antes de ser compartilhada socialmente pelos membros. Por isso, elas nascem e morrem, e podem sobreviver a muitas mudanças de membros. Os membros, por sua vez, teriam que partilhar alguns fatores em comum como ideologia, valores e modos de viver a cultura parecidos. Isso permite que ela possa migrar de um lugar para outro acompanhando seus membros. Uma vez estabelecida no significado mental, independe de um lugar físico.

As autoras afirmam que uma comunidade de prática pode ser constituída por pessoas trabalhando juntas em uma fábrica, *habitués* de um bar, companheiros policiais e seu etnógrafo, a suprema corte etc. Acrescentamos à lista: uma banda musical, um grupo de teatro, um circo, um ministério de igreja entre outros. Essas comunidades podem ser grandes ou pequenas, intensas ou difusas. Para além disso, as autoras ressaltam que as comunidades de prática conseguem sobreviver a muitas mudanças de membros. E, podem estar intimamente ligadas a outras comunidades, uma vez que seus membros também participam de várias outras comunidades de prática e suas identidades são forjadas a partir da multiplicidade dessa participação.

Carvalho e Almeida (2017) usaram a noção do traço **empatia** de Kuno (1987) para verificar a avaliação de homens soteropolitanos acerca dos termos **bicha**, **viado** e **mona**. Desse modo, um traço [+ empático] representaria um valor positivo em relação ao termo e [- empático] um valor negativo. O objetivo era identificar que marcas linguísticas permitiam a filiação dos entrevistados a uma comunidade de prática a partir da produção linguística de dois colaboradores de diferentes regiões socioeconômicas da cidade de Salvador – orla e centro.

Para a análise dos dados, Carvalho e Almeida (2017) observaram a filiação de dois homens gays a suas respectivas comunidades de prática. Os dados de fala foram coletados em dois contextos de interação social diferentes: entrevista sociolinguística e conversa entre amigos, cujo objetivo era observar as nuances de estilo que os falantes faziam ao se alterar o contexto. Diante dos dados, os autores afirmaram que o uso da expressão referencial *bicha*, por exemplo, pode ocorrer em diversas posições sintáticas, o que indica um valor pronominal a essas expressões:

(4)

- a. A **bicha** 1sg foi ver o boy mas ele era uó.
- b. A **bicha** 2sg tá fazendo o quê tão quietinha?
- c. Eu vim só ver a **bicha** 2sg e ela me trata assim.

Carvalho e Almeida (2017) perceberam que os termos só funcionaram como referência de pessoa quando foram empregados por sujeitos que agregaram um novo significado a eles. Foi destacado que

para que o participante empreenda tal uso linguístico, é preciso haver um engajamento com algum grupo e conseqüente ressignificação dessas expressões. Se o indivíduo não deseja indexicalizar à sua fala a participação na(s) comunidade(s) de prática (s), é pouco provável que tais expressões sejam produtivas (CARVALHO; ALMEIDA, 2017, p. 88).

Os autores assumiram como indexicalização aquilo que

permite o falante associar valor positivo ou negativo, o seja, associar o traço [+empatia] ou [-empatia], ao uso das referidas expressões, uma vez que, ao fazer uso de uma expressão com *bicha* em momentos específicos, ele inaugura um contexto relevante para a fixação de um termo a um valor semântico (CARVALHO; ALMEIDA, 2017, p. 93).

Esse valor semântico, aparentemente, tem que ser compartilhado por todos os membros do grupo para que possa, assim, constituir uma comunidade de prática. Também foi assumido que há uma fissura no “significante”, apresentada da seguinte forma:

Quando pensamos em estilo, participação e engajamento, esta comunidade de prática vê-se aberta à participação de pessoas que, inclusive, não são homossexuais. (...) [o engajamento dentro da] comunidade de prática desenvolve meios para fazer as coisas que se traduzem em práticas e essas práticas envolvem a construção de uma orientação compartilhada em relação ao mundo em volta. (...), portanto, torna-se identidade de gênero, e não apenas expressão afetiva/sexual (CARVALHO, ALMEIDA, 2017, p.94).

Relacionando o conceito de indexicalização ao de comunidade de prática, os autores pontuam quatro fatores que figuram o funcionamento de filiação a uma dada comunidade:

- i) Uma população se torna saliente e certa característica da fala desta população pode chamar atenção; uma vez reconhecida, esta característica pode ser extraída de seus arredores linguísticos e tornar-se, por conta própria, índice de adesão àquela população;
- ii) Tal índice pode ser usado por “forasteiros” (outsiders), i.e. falantes, de outras populações, para evocar estereótipos associados a esta população;

iii) Atos lexicais desta natureza repetidos convencionam um novo signo, que em tal ponto torna-se disponível para movimentos indexais posteriores;

iv) Como resultado, a ordem indexical não é linear, mas pode progredir simultaneamente e através do tempo em múltiplas direções, estabelecendo um conjunto de significados relacionados (CARVALHO, ALMEIDA, 2017, p.94).

A respeito dos resultados, foram comparados os dados dos dois colaboradores, cujos engajamentos na comunidade LGBTQIAPN+ se mostraram bastante distintos. Apenas o primeiro informante fez o uso dos termos identificados como pertencentes à comunidade com valor positivo ([+empático]). Vejam-se exemplos retirados da produção linguística do colaborador da Orla:

(5)

a. Já falei '**mona**, você vai'. (Inf01Op8l12 – conversa entre amigos)

b. Ar **bicha** de cima olhando assim ó 'é tudo **viado** ali embaixo'.

(Inf01Op8l21 – conversa entre amigos)

A fala do morador do Centro foi contrastada com a fala do colaborador da Orla. No exemplo abaixo, segue o trecho retirado do contexto entrevista sociolinguística:

[...] eu não ligo se alguém chegar pra mim e chamar de bê, de binho, de binha tal, mas viado eu acho um palavrado muito ofensivo, né, é como...É como chegar pro negro e chamar de passo preto, como chamar o negro de...como é...de...urubu coisa do tipo.

(Inf01Cp4l35 – entrevista)

Foi verificado uma diferença no modo como ambos se relacionam com a comunidade de prática. Nesse estudo, a distribuição geográfica dos participantes, categoria importante para os estudos da sociolinguística laboviana, não foi suficiente para definir as comunidades de prática observadas. Entretanto, a noção de indexicalização foi essencial, uma vez que o sentimento de pertença foi atrelado a valores positivos e negativos em relação à comunidade de prática.

Os resultados parciais demonstraram que o entrevistado que compõe e participa de ambientes voltados ao público, como a comunidade de prática da Orla, desenvolveu um senso positivo de pertencimento, o traço [+ empatia], cuja identidade pode ser percebida através da sua produção linguística. Já o colaborador da comunidade do Centro da cidade, desenvolveu um sentimento negativo [-empatia] e, linguisticamente, não se sentiu confortável em performar os termos na construção de sua persona.

METODOLOGIA

Para que os dados fossem coletados, foi necessário a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Federal de Pernambuco, sob o parecer de número 2.394.833.

Para esta pesquisa foram considerados os dados de fala de 9 colaboradores. Selecionados pelas seguintes variáveis sociais: pertencer ao gênero masculino, ser autodeclarado homossexual, pertencer a faixa etária dos 18 aos 28 anos e residentes na cidade de Serra Talhada durante um período de, no mínimo, 5 anos. Os dados de fala foram gravados em três contextos de fala distintos, sendo: entrevista sociolinguística, contexto entre amigos e ambiente de trabalho. A intenção de observar o mesmo indivíduo em diferentes situações de interação social era verificar a alternância do tipo de vocativo, pois os aspectos extralinguísticos como grau de formalidade e identificação do falante com o interlocutor poderiam influenciar diretamente. A escolha dos informantes homossexuais masculinos deriva do fato de que, em trabalhos anteriores percebemos que, no sertão pernambucano, esse grupo é bastante ridicularizado em virtude de uma crença que efeminiza esses sujeitos, homogeneizando, assim, a fala homossexual masculina com base em seus próprios pré-conceitos e preconceito.

Importante ressaltar que, ao final de cada entrevista sociolinguística, pedia-se a indicação de mais pessoas que teriam perfil semelhante e/ou fizessem parte do ciclo de amizade do informante para participar da pesquisa. Devido a isto, então, já era esperado que as faixas etárias fossem semelhantes, e, assim, justifica-se o trabalho com esta faixa de idade somente, assim como o nível de escolaridade. Todos os participantes possuíam o mesmo nível de escolaridade, superior incompleto.

Assim, todos os voluntários se conhecem ou são amigos e se encontram com frequência, geralmente nos finais de semana, em um local específico da cidade, formando uma comunidade de prática, o que significa dizer que os integrantes desse grupo/comunidade, em momentos de lazer, fazem o uso de expressões, formas de endereçamento, entonação, exercitando o que podemos chamar de características particulares e/ou grupais. Dessa forma, todos os participantes estavam envolvidos em laços afetivos de maior ou menor grau, poderiam ser amigos, parceiros ou conhecidos.

Foi observado que eles se reuniam com frequência aos finais de semana, em um local específico da cidade, que foi caracterizado pelos próprios entrevistados como “reduto gay”. Esse hábito permitiu a construção de uma comunidade de prática. Lugar em que eles, durante momentos de lazer, compartilhavam expressões, formas de endereçamento, entonação semelhante, modos de vestir entre outros aspectos. Essas práticas compartilhadas serviam como um exercício para a manifestação tanto de características distintas individuais, quanto compartilhadas dentro desse grupo, engatilhando, desse modo, a produção de significados sociais.

ANÁLISE DOS DADOS

Foram analisadas 116 construções com ocorrências de vocativos. A partir da observação dos dados e dos contextos em que foram empregados, os vocativos foram divididos em três tipos: **mais solidários**, **neutros** e **menos solidários**. Os primeiros seriam do tipo: amiga, amigo (a variação, miga e migo), linda, gata, bicha e viado entre outros; os segundos seriam: garota, garoto, *boy*, menina, menino; e, os terceiros seriam: rapariga e baixa. Os resultados mostraram que o contexto *conversa entre amigos* obteve um percentual maior em relação aos demais contextos, 52%, contabilizando-se 48 vocativos, sendo, portanto, sua produção linguística maior do que no contexto *ambiente de trabalho* que registrou o percentual de 31%, somando um total de 29 vocativos, e do que no contexto de *entrevista sociolinguística* que obteve o percentual de 17%, somando o total de 16 vocativos. Significa que o contexto *conversa entre amigos* propicia o uso de vocativos. Foram descartados da análise os vocativos como nomes próprios, apelidos, expressões cristalizadas, apesar de utilizados majoritariamente, esses dados não poderiam ser considerados característicos ou atrelados à comunidade, foco do nosso trabalho.

Identificamos apenas dois vocativos que podem ser considerados específicos da comunidade LGBTQIAPN+, sendo eles: **bicha** e **viado**. Esses termos podem adquirir sentidos diferentes a depender das pessoas que o empregam e a depender de fatores atrelados a elas, como por exemplo, a sexualidade, o gênero e a rede social. Tradicionalmente, esses vocativos eram usados como adjetivos para adjetivar de forma depreciativa as pessoas cuja orientação sexual era diferente da orientação heteronormativa, isto é, utilizados como insultos para apontar pessoas consideradas desviantes da orientação sexual dita como norma ou ridicularizar aquele que performa algo que seja associado ao homossexual. Todavia, o grupo LGBTQIAPN+ se apropriou dos termos, ressignificando-os, transformando-os, conseqüentemente, em vocativos que funcionam “como marcas de referência específicas de identidade” (CARVALHO; ALMEIDA, 2017, p. 83). Assim, o termo passa a agregar um valor positivo dentro do grupo.

A maior produtividade no contexto **interação entre amigos** pode ser explicada pelo nível de policiamento na fala dos colaboradores, pois esse ambiente propiciou um maior nível descontração por parte dos pares, permitindo que eles se sentissem confortáveis ao realizar suas produções linguísticas. Entretanto, no ambiente profissional dos colaboradores, observou-se que a maioria não empregou nenhum tipo de vocativos mais solidários ou menos solidários, fizeram uso apenas dos vocativos de nomes próprios, sobrenomes e algumas expressões cristalizadas, a exceção foi o colaborador cuja ocupação era criador de conteúdo para internet. Dessa forma, entendemos que essas novas profissões, que emergiram recentemente, por serem mais dinâmicas, os falantes gozam da liberdade para performarem a identidade que desejam, diferente de profissões que exigem um nível de formalidade maior. Como é sabido, a internet é um lugar em que a autenticidade e espontaneidade são

valorizadas pela maioria dos usuários, o que permite encenações de identidades diversas.

Os colaboradores da pesquisa cujas ocupações eram mais formais, como professor, redator, atendente hospitalar, estagiário do IBGE, estudante de direito etc., não usaram os termos no ambiente de trabalho, todavia, quando se alterava o contexto para um menos formal, eles faziam uso dos vocativos com seus amigos, conhecidos e até com a entrevistadora. Desse modo, percebeu-se, pelo menos, duas funções discursivas para o vocativo *bicha* na comunidade: indexar os próprios membros e invocar pessoas de fora para dentro da comunidade, o que pode funcionar como uma forma de “convite” para engajarem juntos na comunidade de prática.

Os vocativos que mais ocorreram no *corpus* foram *mulher*, *amiga*, *viado* e *bicha*. Os vocativos *mulher*, *amiga* e *bicha* foram destinados tanto aos homens quanto às mulheres, independentemente da sua orientação sexual. Já o vocativo *viado* teve como principal destinatário o gênero masculino. Para as mulheres, foi usada a forma com marcação de gênero gramatical no feminino – *viada*.

Além disso, os resultados mostraram que a ordem preferida do grupo investigado foi a ordem *or + voc*, corroborando com o estudo de Moreira (2008), que afirmou estar havendo uma mudança linguística na preferência de ordem do vocativo no PB, de *voc+or* para *or + voc*:

(7)

a. Ah **viado**, como você tá, **bicha**?

b. É muito caro aí, **bicha**! (NOGUEIRA, 2019, p. 73)

As ordens encontradas nesse estudo foram: (*Or + voc*), (*voc + or*), (*or + voc + or*) e (*voc + or + voc*). Esse último tipo de ordem não foi descrito nos compêndios gramaticais, até quanto saibamos. De acordo com os dados, o caso de duplo vocativo pode acontecer com o emprego do mesmo vocativo nas extremidades ou pode haver alternância de vocativos diferentes, como por exemplo:

(8) a. **bicha**, você tá em casa, **bicha**?

b. **bicha**, você tá bem, **amiga**?

A rede social se mostrou como um fator de relevância para a realização dos vocativos referidos, pois os colaboradores que mais usaram os vocativos foram os homens cujas redes sociais eram formadas, em sua maioria, por pessoas também LGBTQIAPN+. Em contrapartida, os homens cujas redes sociais eram, predominantemente, heterossexuais não faziam uso dos vocativos considerados referências do grupo LGBTQIAPN+.

Dentre as respostas dos colaboradores, destacaram-se trechos da entrevista de dois participantes em que se pode observar a influência das redes sociais e como essas podem afetar o uso dos vocativos, gírias e expressões e o estilo de linguagem de forma geral:

Quadro 1 – Percepção do participante sobre a mudança de estilo nos contextos de interação

Você faz o uso de gírias ou “expressões gays”?
<p>Depende do ambiente, dependendo do ambiente, sim, mas coisas bem corriqueiras como...claro, se eu souber que as pessoas vão entender o que eu tô falando. (...) Mas assim, o meu linguajar é muito voltado para a questão dos memes. E a gente sabe que, querendo ou não, tem a diferenciação de um meme LGBT e um meme hétero. Então, se você fala um...um ‘arrasô, bicha’, ‘pare, viado’...ããã, até chamar qualquer pessoa de viado... não é uma coisa que um hétero vá fazer. Então, eu faço muito o uso disso. Amm, que mais? Memes da Nicole Bahls, frases que ela tenha dito, que a Gretchen tenha dito. Então, no meio da conversa você solta isso, eu solto isso normalmente.</p>

Fonte: Nogueira (2019, p. 83)

Quadro 2 – Percepção do participante sobre a sua mudança de estilo nos contextos de interação social

Você faz o uso de gírias ou “expressões gays”?
<p>(...) E, também assim, eu não uso gírias. Eu uso pouquíssimas gírias. Eu acho que vem muito dessa minha convivência com heterossexuais. Não uso gírias do mundo (...). A única coisa que falo é “massa”, “beleza”. “Beleza?” (faz sinal de estar cumprimentando alguém), só! E, “tô ligado!”, “arrasou” é raro. “Lacrou”, não! Eu nem gosto da palavra “lacrar”. “Lacrou”, “lacrção”, “diva da lacração”. Não falo isso, não. “Arrasou”, eu uso em cenários específicos, em situações específicas que eu, bem consciente assim, eu quero dizer: “arrasou!”. Não é como a gente diz assim: “legal”. Não vem dessa forma, vem assim: eu quero dizer “arrasooou” (empolgação). Mas eu nunca uso assim: “arrasou, bicha!”</p>
Você tem mais amizade com pessoas héteros ou gays?
<p>(...) meu contato é mais com héteros, porque os espaços que eu frequento, que eu costumo frequentar, são espaços que eu... que é frequentado, em sua maioria, por héteros. Como eu não gosto muito de sair e tal, eu fico em ambientes mais calmos assim, e que não tenha música muito alta. Eu sou, basicamente, o velho. Eu não tenho muito saco. Eu já tive, já vivi muito isso, isso antes. Na Concha, sempre andei, mas sempre que eu saio com amigos s. Mas, os ambientes que eu frequento diariamente, assim, é meu trabalho. No meu trabalho, xêu... deixa eu ver se tem (expressão de pensativo). Não tem nenhum, tem um... eu! Só eu de lá. – E são quantos funcionários lá? Setenta, setenta funcionários e só eu de gay.</p>

Fonte: Nogueira (2019, p. 84)

Por fim, categorizamos todos os colaboradores como pertencentes a mesma comunidade de prática, não devido ao fator orientação sexual, mas porque todos os falantes compartilhavam determinadas práticas. Alguns participavam de um ou mais grupos de prática em comum, como, por exemplo, mesma turma, grupo de militância, frequentantes do mesmo bar. Este estudo revelou a presença de traços menos empáticos em relação aos vocativos *bicha* e *viado* quando os colaboradores apresentavam uma proporção maior de conexões com heterossexuais do que com homossexuais em suas redes sociais, por exemplo. E, traços mais empáticos quando se tratava de sujeitos da mesma orientação sexual.

Segundo a filósofa Judith Butler (1990), as categorias linguagem, gênero e sexo não são entidades fixas, são construídas. Tal construção se dá mediante ao ambiente em que o sujeito está inserido, que tende a funcionar como uma “fábrica” reguladora de corpos. Logo, pressupõe-se que, para compreender-se o processo de “formação” de sujeitos devem ser analisados os contextos sócio-históricos e discursivos específicos. Para ela, a identidade, e igualmente o sujeito, é construída na linguagem. Desse modo, a linguagem é anterior ao sujeito, isto é, a linguagem cria gênero, sexo e sexualidade, estes sendo, portanto, efeito dela, criados por instituições e práticas sociais compartilhadas. De acordo com Melo e Rocha (2015, p. 106), “a linguagem é uma repetição de atos de fala que tem o poder de produzir ou aniquilar vidas”, os autores afirmam que “podemos repetir, inovar, ou apenas nos assujeitarmos a comportamentos regulados socialmente, restringindo ou ameaçando certos modos de vida social”.

“Para Butler, a linguagem faz nascerem corpos: ela os sustenta ou ameaça a sua existência. São possíveis apenas aqueles corpos que nomeamos e reconhecemos. O nosso próprio corpo só existe porque é reconhecido pelos(as) outros(as)” (MELO, ROCHA, 2015, p. 105). A definição dos Atos de fala de Austin foi crucial para Butler (1997) desenvolver a concepção de performatividade, contudo, “para Butler o performativo austiniano apresenta as palavras como instrumentos para a realização de ações, quando, na verdade, as palavras são a própria ação” (MELO, ROCHA, 2015, p.105). Assim, se aceitarmos o ponto de vista de que a linguagem é ação, então chamar alguém de “bicha” é fazer alguma coisa, é marcar uma diferença.

Quando o grupo considerado padrão utilizou-se do insulto para apontar o que foi percebido como diferente, denunciou uma fissura no sistema heterossexual. Isso significa que a matriz heteronormativa tende a renegar e marginalizar a existência dos sujeitos que com ela não se identificam, e aqueles que tentam subvertê-la são considerados abjetos.

Segundo Borba (2015), a heteronormatividade é formada por regras estabelecidas nas sociedades, as quais regulam a expressão sexual das pessoas e que, para manter esse controle, essas normas precisam ser repetidas e reafirmadas continuamente, a fim de criar uma ilusão de uma natureza intrínseca. Esse seria o efeito performativo. Melo (2022, no prelo) afirma que, o insulto é o ato mais potente de marcar a diferença, uma vez que aparentemente interrompe a normalidade ao designar um lugar de alteridade quando é dirigido a alguém. Todavia, o insulto não só

quebra a norma, mas cria uma normalidade a partir da precariedade. Ainda, pode ser visto como algo que vai elucidar a personalidade de gênero. Relembro aqui alguns insultos destinados aos homossexuais, como: baitola, boiola, fresco, frango, viado, viadinho, bicha, sapatão.

Todavia, observa-se que, a comunidade LGBTQIAPN+ tem mostrado um movimento muito interessante em termos de discurso e subversão, pois encontraram a partir das repetições de seus insultos possibilidades de subversão. Dessa maneira, o termo “bicha” passou de um termo pejorativo para marcador identitário.

Ressalto que, o processo de resignificação não acontece do dia para noite. Para uma marcação linguística criar reconhecimento, ela deve criar uma regularidade. Essa regularidade é o que traz o efeito do “ser”. Butler (2003) considera que os corpos são discursivamente constituídos. Para a autora, não existe um sujeito fora da linguagem, uma vez que a identidade é uma prática significativa, e os sujeitos culturalmente inteligíveis são efeitos e não causas dos discursos que ocultam a sua atividade. É nesse sentido que a identidade de gênero é performativa. A performatividade é entendida, então, como a capacidade de o uso da língua construir a realidade (BORBA, 2020). Para Borba (2020, p. 400), “o que a teoria da performatividade enfatiza é que o mundo material só pode ser entendido pelas escolhas lexicais, sintáticas, semânticas, discursivas etc. que fazemos para significá-lo”.

Desse modo, a visão que se apresenta diante de nós, então, é que a identidade se constrói na interação linguística, isto é, nas práticas sociais em que o falante se engaja. Ou seja, mediante suas práticas, com as suas redes sociais. Assim, utilizar-se dos vocativos **bicha** e **viado** como marca positiva de identidade é realizar uma ação que exige a valoração tanto de uma identidade individual quanto de uma identidade grupal. Esse fenômeno oferece uma perspectiva interessante sobre como a linguagem pode ser dinâmica e reflexiva das mudanças sociais e identitárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, concluímos que o uso dos vocativos **bicha** e **viado**, quando usados pela comunidade LGBTQIAPN+, performam uma identidade que é reforçada nas práticas mediante a repetição dos usos linguísticos. Esses vocativos foram considerados como a marca identitária da comunidade LGBTQIAPN+, dado o fato de que os membros reconhecem e se identificam com tais termos, funcionando como referências específicas da comunidade, tal como aponta o estudo de Carvalho e Almeida (2017).

Desse modo, o vocativo pode servir a mais propósitos do que os descritos pelas gramáticas prescritivas, em termos pragmáticos, de chamar, invocar ou interpelar. No caso dos vocativos específicos da comunidade LGBTQIAPN+, podem dar pistas ou indícios de uma identidade de gênero ou indexar alguém a uma determinada comunidade, até mesmo pessoas de fora do grupo, visto que a comunidade é aberta a receptividade de pessoas não homossexuais. É importante ressaltar que, para que eles

funcionem como referência específica de pessoa e de grupo, o falante deve apresentar uma atitude positiva em relação a seus usos, como exemplificado no trabalho de Carvalho e Almeida (2017).

De forma geral, enfrentamos dificuldade para mapear estudos significativos sobre os vocativos devido à escassez de trabalhos acerca desse fenômeno. Ainda, os compêndios gramaticais descrevem-no de forma bastante sucinta e, na maioria das vezes, enfatizam apenas como um termo acessório da oração. Como visto neste artigo, os vocativos, em determinadas comunidades, podem apresentar significações para além da função chamamento, podendo, assim, contribuir para a construção de identidades diversas.

Ademais, as variáveis extralinguísticas tradicionais da Sociolinguística, como faixa etária, escolaridade e localização de moradia, não se mostraram suficientes para a análise dos dados. No entanto, ao considerar a ocupação dos entrevistados e os diferentes contextos de coleta de dados, observamos que essa variável desempenhou um papel significativo na compreensão das dinâmicas linguísticas associadas ao uso dos vocativos considerados específicos da comunidade LGBTQIAPN+. A análise das redes sociais e caracterização da comunidade de prática, embora mais desafiadora, revelou-se de extrema relevância, sendo sua observação viabilizada por meio de métodos etnográficos. Através desse estudo foi possível contextualizar os usos dos vocativos dentro das interações, fornecendo uma visão sobre como a identidade e a linguagem se entrelaçam.

Por fim, esta pesquisa contribui para a discussão de gênero e inclusão da comunidade LGBTQIAPN+ nos estudos sociolinguísticos, haja vista que, em ondas anteriores, a Sociolinguística Variacionista há muito desconsiderou essa discussão e pautou suas pesquisas apenas dentro do debate essencialista. Alguns estudos ficaram presos à categoria variável sexo (biológico), o que culminou na caracterização da linguagem em, por exemplo, o que seria uma fala masculina e uma fala feminina, culminando em uma lacuna no tratamento da diversidade linguística sobre aspectos relacionados, por exemplo, a comunidades de prática, redes sociais e identidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. M. de. *Gramática Latina: curso único e completo*. 29 ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

AUSTIN, John L. *Quando dizer é fazer*. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes médicas, 1990.

BALSALOBRE, S.R.G. Relação língua e sociedade em foco: observando o vocativo “moço(a)” no português brasileiro, moçambicano e angolano. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 44 (1): p. 217-233, jan.-abr. 2015.

BATTISTI, Elisa. Redes sociais, identidade e variação linguística. In Raquel Meister Ko. Freitag (org). *Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística*. São Paulo: Editora Edgar Blucher, 2014, p. 79-98.

BECHARA, E. *Moderna Gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, p. 559-560.

BORBA, R. Linguística Queer: Uma perspectiva pós identitária para os estudos da linguagem. *Entre linhas: Revista do curso de Letras*, v.9, n.1, p.91-104, 2015.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: AGUIAR, Renato. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CARVALHO, D. S.; ALMEIDA, R. G. Autopercepção e identidade linguística em comunidades de prática de Salvador, Bahia. *Revista Sociodialeto*, v. 7, p. 82-98, dez-mar.2017.

CUNHA, C. *Gramática do português contemporâneo*. 6 ed. Belo Horizonte: Editora Bernardo Alvares. 1976.

ECKERT, P. *Linguistic Variation as social practice*. Oxford: Blackwell, 2000.

CEGALLA, D. P. *Novíssima Gramática da língua portuguesa*. 41.ed. São Paulo: editora nacional, 1998, p. 334.

ECKERT, Penelope. (2000). *Linguistic Variation as social practice*. Oxford: Blackwell.

ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. Communities of practice: Where language, gender, and power all live. *Annual Reviews*, Palo Alto, p. 1-11, 1992. Disponível em: ><http://web.stanford.edu/~eckert/PDF/Communitiesof.pdf><. Acesso em: 13 de nov. 2022.

ECKERT, P. Style and social meaning. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. Style and sociolinguistic variation. Cambridge: *Cambridge University Press*, 2001, p. 119-126.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, n.41, p.87-100, 2012.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

MELO, G.C. V; ROCHA, L. L. Linguagem como performance: discursos que também ferem. *Discurso: sentidos e ação* 2015, s/p. Disponível em:<
https://www.researchgate.net/publication/298067743_LINGUAGEM_COMO_PERFORMANCE_DISCURSOS_QUE_TAMBEM_FEREM>. Acesso em 03 de dez. 2022.

Melo, Iran. F. Teoria Multifuncional do discurso em Halliday e Fairclough. 2010. *Revista prolíngua*, Paraíba, v. 5, n 2, p. 153-168.

MOREIRA, J. C. *O vocativo no Português Brasileiro nos séculos XIX e XX: um estudo de mudança linguística*. 2008. 108 p. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MUNDIM, S.S. de M. *Formas de tratamento e vocativos no Rio de Janeiro*, 1981. 80f. Dissertação de mestrado em linguística. Faculdade de letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SALIH, S. *Judith Butler e a teoria Queer*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.



The use of the vocatives *bicha* and *viado* by gay men from the

Jamillys Maiara da S. Nogueira¹

Abstract

This article aimed to study the use of vocatives from speech data of a marginalized community. To achieve this, we investigated the speech of nine homosexual cis men from the hinterland of Pernambuco, in three different contexts of interaction. We specifically studied the vocatives *bicha* and *viado*, which are usually pejorative adjectives when used by a person outside the community, but which constitute a form of treatment and even reception when used by the community, indexing the second person to the group. This research uses as theoretical and methodological support the Theory of Linguistic Variation (LABOV, 2001), making use of the third wave of sociolinguistic studies. We noticed that i) the informants show stylistic variation when there is a change of the context of interaction; ii) the context of interaction with friends favors the productivity of vocatives and the informants' social network interferes with their uses; iii) the vocatives *bicha* and *viado* express a mark of identity and/or affiliation to a specific group, confirming our hypothesis; finally, we saw that iv) individual identity or group identity performed by using the linguistic uses are built in social practices as a form of resistance and maintenance of a social identity.

Keywords:

vocative; identity; community of practice.
